

**Descobrimo o(s) passado(s)
da cidade: itinerário de uma
pesquisa histórica sobre a
urbanização de Canoas, RS
(1929-1959)**

*Discovering the city's past:
itinerary of historical research
about Canoas urbanization
(1929-1959)*



Danielle Heberle Viegas

Mestre em História (PUC-RS). Graduada em
História, Licenciatura e Bacharelado
(Unilasalle)

danielle.viegas@hotmail.com

Recebido para publicação em fevereiro de 2011.
Aprovado para publicação em março de 2011.

Resumo

O presente texto está organizado com a intenção de apresentar síntese das principais reflexões e conclusões que envolveram a realização de pesquisa histórica sobre a urbanização da cidade de Canoas/RS entre os anos de 1929 e 1959. Para cumprir tal intento, compartilha-se texto-itinerário, a partir do qual são contemplados os métodos e as especificidades pontuais da construção do trabalho, tais como suas fontes de estudo e embasamentos teórico-metodológicos. A pesquisa encontra a sua justificativa no preenchimento de lacuna referente ao estudo de cidades metropolitanas no Brasil.

Palavras-chave: Canoas; história urbana; memória; cidades metropolitanas.

Abstract

This text is organized with the intention of presenting a summary of the main reflections and conclusions which involved conducting a historical research on the urban city of Canoas/RS, between the years 1929 and 1959. To implement this purpose, shares are a text-routing, by which the methods and the specific points of the construction of the research are contemplated, as their sources of study and theoretical-methodological. The research finds its justification in the supply gap for the study of metropolitan cities in Brazil.

Keywords: Canoas; urban history; memory; metropolitan cities.

Descobrimo o(s) passado(s) da cidade: itinerário de uma pesquisa histórica sobre a urbanização de Canoas, RS (1929-1959)

Danielle Heberle Viegas

Primeiros passos: esboçando roteiros

Seguindo a pista daqueles que circulam e vivenciam as cidades dia-a-dia, propõe-se aqui a criação de um itinerário formado por roteiros adotados durante a construção de uma pesquisa histórica desenvolvida na cidade de Canoas/RS entre os anos de 2009 e 2011¹.

Na construção de um itinerário, por mais que sejam incorporados atalhos e trilhas, evidenciam-se, sempre, os caminhos principais e mais movimentados a serem percorridos. Nessa direção, a proposta de composição de um itinerário tem a ambição de descrever roteiros teórico-metodológicos, objetivos perseguidos, estratégias adotadas e, principalmente, compartilhar as reflexões impostas durante o caminho e as conclusões ao seu final. Da mesma forma, lembra-se que o roteiro a ser exposto, busca cumprir as funções de localizar e de informar os mais importantes itens que dão estrutura à pesquisa, as fronteiras através das quais esta última foi construída e a escala pela qual foi elaborada.

Em termos de localização, destaca-se o lugar a partir do qual o trabalho foi produzido, ou seja, uma Universidade e,

especificamente, um Programa de Pós-Graduação em História.

O tema abordado nesse texto, afinal, integra pesquisa mais ampla, que resultou em dissertação de Mestrado recentemente concluída, intitulada “*Entre o(s) passado(s) e o(s) futuro(s) da cidade: um estudo sobre a urbanização de Canoas/RS (1929-1959)*”. O objetivo geral do referido trabalho foi o de analisar as especificidades da urbanização da cidade de Canoas entre os anos de 1929 e 1959, período caracterizado por transformação vertiginosa na cidade. Afirma-se isso porque o povoado de Canoas, conhecido por ser dotado de ares bucólicos nos anos de 1930, transformou-se, já em 1960, em um dos maiores centros urbanos do Rio Grande do Sul, atingindo a notável marca de 390% de crescimento populacional naquela década². Diante desses dois cenários, a seguinte questão emergiu: o que há entre o povoado bucólico dos anos de 1930 e a cidade que se tornou destino de milhares de migrantes na segunda metade do século XX?

Em busca da resposta para tal indagação, deu-se início a estudo sobre os aspectos relacionados ao desenvolvimento da cidade de Canoas no período indicado. Entre as distintas portas de acesso

Descobrimos o(s) passado(s) da cidade: itinerário de uma pesquisa histórica sobre a urbanização de Canoas, RS (1929-1959)

Danielle Heberle Viegas

ofertadas para o estabelecimento da pesquisa histórica sobre o Município, optou-se pela afirmação de um olhar sobre a urbanização da cidade. Neste sentido, lembrou-se de Annie Fourcaut, que indagou: “*qual é História do urbano que se está pretendendo realizar?*”³

Apropriando-se dessa interrogação, reafirma-se que o presente texto foi construído tal como um itinerário de pesquisa em História Urbana.

De imediato, lembra-se que muitas são as alternativas de pensar a categoria do “urbano” e a impossibilidade de apreendê-las em sua totalidade é consenso para os historiadores. De acordo com Fourcaut, a quem se segue reportando:

*Nem as grandes monografias sociais fundadas nas abordagens estatísticas, pertinentes para as cidades do século XIX, nem a Micro-História podem dar conta das mudanças sociais induzidas pela passagem da cidade ao urbano.*⁴

A ideia mais corrente, adotada diante dessas constatações é a de que os estudos urbanos são sempre passíveis de serem flexibilizados e reorientados a qualquer momento, estando, no limite, sempre inacabados. O aspecto positivo desse processo é a multiplicação profícua de abordagens, por vezes interdisciplinares, que encaram a cidade como alvo de estudo. Já o saldo negativo

fica por conta do que Stella Bresciani chamou de “*pulverização do objeto cidade*”⁵, baseada na exacerbada fragmentação de focos de interesse relacionados às pesquisas sobre o urbano. Tal fator dificultaria, por sua vez, a possibilidade de síntese na(s) ou entre a(s) área(s) de pesquisa dedicadas a esse campo temático, perpassado por tantos feixes.

Tais perspectivas causaram fissura no seio da História Urbana, de modo que os estudos urbanos têm-se destacado por não mais se dedicarem a refletir sobre a cidade, a partir da relação entre território e sociedade. A dinâmica urbana tem estado minimizada em prol de trabalhos focados em outros objetos de pesquisa, como, por exemplo, a música, a literatura, o vestuário, a fotografia, etc., nos quais o fator urbano é mencionado apenas como o pano de fundo para a emergência de novas práticas e/ou sociabilidades⁶.

É perante essa lacuna que se busca agregar contribuições. Coloca-se em primeiro plano, portanto, a cidade de Canoas; como objetivo de trabalho, a compreensão das características de sua urbanização entre as décadas de 1930 e 1960; enfim, como problema de pesquisa, a articulação da urbanização da cidade com

Descobrimo o(s) passado(s) da cidade: itinerário de uma pesquisa histórica sobre a urbanização de Canoas, RS (1929-1959)

Danielle Heberle Viegas

os processos de (i)migração e de metropolização.

A pesquisa que está sendo descrita nesse itinerário foi construída a partir de dois marcos temporais: os anos de 1929 e 1959. Justifica-se isso pelo fato de que o ano de 1929 sinaliza a formação do primeiro loteamento que se tornou bairro de Canoas — povoado que, até aquele momento, possuía sua paisagem urbana, majoritariamente, composta por grandes chácaras particulares junto à uma estação de trem. Esse loteamento, que margeava o Rio Gravataí, foi chamado de *Vila Rio Branco* e teve seu desenvolvimento atrelado à instalação dos Frigoríficos Nacionais Sul-Brasileiros na área, ainda na década de 1930.

Já a eleição do ano de 1959, como a data limite — ainda que não estanque — da pesquisa, está respaldada em inferências obtidas por meio de profunda averiguação do *corpus documental* selecionado. Foi identificado que, às vésperas da década de 1960, Canoas já contava com a formação primitiva da maioria dos loteamentos que compõem o Município. A documentação informa que era chegada a hora de tentar gerenciar a cidade que se erguia urbana, a partir de aparato administrativo aprimorado e de novo projeto para o futuro

do Município. Em tempo, comunica-se que o ano de 1959, em específico, marca o final do mandato de Sezefredo Azambuja Vieira, Prefeito que muito se popularizou em Canoas por suas atividades junto à área urbanística e industrial da cidade.

Questão basilar, nessa direção, é o compartilhamento de algumas referências sem as quais o estabelecimento de análise sobre a urbanização de Canoas seria incompleta. Reporta-se, aqui, às referências de *cidade veraneio*, *cidade dormitório* e *cidade industrial*. Sua incorporação é justificada, devido à recorrência com que são citadas em bibliografias dedicadas ao estudo do Município de Canoas.

Tal constatação indica que, para a Historiografia, as ideias de *cidade veraneio*, *cidade dormitório* e *cidade industrial* não são apenas referências, mas, verdadeiras tipologias de classificação das cidades. Embora não seja objetivo desta pesquisa averiguar essas categorias, a sua análise, mesmo que transversalmente, impôs-se como inevitável. Fez-se isso com o cuidado de, no entanto, não cortejar tais referências como elementos inoperantes dentro do processo de urbanização da cidade, ou seja, admite-se a construção social que as envolve.

Descobrimo o(s) passado(s) da cidade: itinerário de uma pesquisa histórica sobre a urbanização de Canoas, RS (1929-1959)

Danielle Heberle Viegas

Para articulá-las ao objetivo central do trabalho, procurou-se compreendê-las como narrativas arquitetadas a partir de práticas específicas na cidade. A respeito disso, buscou-se suporte em Paul Ricoeur, que alerta:

compreender a História é compreender como e por que os episódios sucessivos conduziram a uma conclusão, a qual, longe de ser previsível, deve finalmente ser aceitável, como congruente com os episódios reunidos.⁷

Assim, questiona-se: quais são os episódios que, reunidos, pautaram definições sobre a urbanização de Canoas, tendo como base tais categorias? Breve pesquisa informa que análises sobre a cidade privilegiam um encadeamento de fatos — considerados compatíveis e subsequentes entre si — que, por seu turno, amparam a suposta evolução do Município desde a condição de “*ponto de veraneio*” até a transformação em “*cidade industrial*”⁸.

Entre as principais explicações, figuram a urbanização vertiginosa e o incremento populacional que a cidade sofreu na segunda metade do século XX. Ora, não se trata de desconsiderar tais fatores, mas sim de situá-los temporalmente, a partir das práticas que os legitimavam, práticas essas relacionadas

não somente a elementos contextuais, mas também, narrativos. Lembra-se, neste sentido, do pensamento de Reinhart Koselleck⁹, para quem o uso dos conceitos (nesse caso, as categorias de análise) proporciona uma antecipação formal da explicação histórica.

Dentro da mesma perspectiva, incorpora-se a ideia de Fernando Catroga, que chama a atenção para a importância da problematização de fatos “*naturalizados*” em uma síntese histórica, tais como as referências sobre Canoas. O autor alerta, ainda, de que o tempo passado, como presente, possui vários futuros que o historiador deve investigar:

O contra factual (...) é irmão gêmeo de todo problema historiográfico. Se não o for, isso significa que o historiador está a condenar o passado a um determinismo que ele, enquanto ser humano, recusa aos seus projetos de futuro, como se aquele, quando foi presente, não tivesse sido, igualmente, um mundo de possibilidades.¹⁰

A pesquisa não se exime dessas antecipações causais: elas são próprias à operação historiográfica, sempre fruto de um diálogo com conhecimentos já estabelecidos. Advoga-se, porém, para que elas sejam pontos de partida e não de chegada dos estudos direcionados à cidade de Canoas. Entender tais categorias, afinal, é dotá-las de um tempo próprio ou,

Descobrimo o(s) passado(s) da cidade: itinerário de uma pesquisa histórica sobre a urbanização de Canoas, RS (1929-1959)

Danielle Heberle Viegas

segundo Kosseleck, compreendê-las dentro do horizonte de expectativa que representavam à sua época. Vai-se ao encontro, novamente, da perspectiva de Ricoeur, que acentua o valor dessa apreciação para não mais se ocorrer em anacronismos e:

projetar sobre o passado o conhecimento que atualmente temos dos acontecimentos que ocupam o intervalo entre o acontecimento interrogado e o momento em que o examinamos. Entre essas duas posições temporais, há a posição de todos os acontecimentos intermédios que pertencem ao nosso passado de historiadores, mas que constituíam o futuro dos homens de outrora.¹¹

Nesse entremeio, rascunha-se a elaboração de uma análise hermenêutica, que considere a diversidade de temporalidades e de narrativas embutidas no processo de urbanização de Canoas. Julga-se que é através da Hermenêutica que “o historiador estabelece a ligação entre a compreensão do passado e a intersubjetividade do autor em relação ao outro, distanciado no tempo”¹². Ainda, sobre a contribuição específica da Hermenêutica para a História, partilha-se o ponto de vista de Douek, que argumenta a filiação da disciplina com as Ciências Sociais devido ao interesse pelo que pode ser medido e contado; também, de sua forte relação com as Ciências Humanas,

em que a História encontrou a Hermenêutica a partir da incorporação de narrativas como eixos de reflexão e como fontes de pesquisa.¹³

O encontro da perspectiva hermenêutica com a cidade, objeto de estudo aqui proposto, faz emergir a proposta teórica, portanto, de uma Hermenêutica urbana. A composição é problematizada pelo sociólogo Bernard Lepetit, em sua obra *Por uma nova História Urbana*, adotada aqui como uma referência basilar. A Hermenêutica, nesse caso, consistiria em um esforço de interpretação da cidade como um campo de práticas sociais¹⁴, perceptíveis através de diferentes temporalidades. Segundo o próprio autor,

a cidade não dissocia: ao contrário, faz convergir, num mesmo tempo, os fragmentos de espaço e os hábitos vindos de diversos momentos do passado.

A urbe, ainda de acordo com Lepetit:

...nunca é absolutamente sincrônica: o tecido urbano, o comportamento dos cidadãos, as políticas de planificação urbanística, econômica ou social desenvolvem-se segundo cronologias diferentes. Mas, ao mesmo tempo, a cidade está inteiramente no presente.¹⁵

Acredita-se que uma das formas de a cidade estar “inteiramente no presente” seja a persistência de suas temporalidades

Descobrimos o(s) passado(s) da cidade: itinerário de uma pesquisa histórica sobre a urbanização de Canoas, RS (1929-1959)

Danielle Heberle Viegas

passadas por meio de vestígios, transformados em fontes de pesquisa para o historiador do urbano. É nessa direção que Ricoeur considera a cidade uma “eloqüente contemporaneidade do não-contemporâneo”¹⁶. Destaca-se, nesse sentido, o preceito divulgado por muitos, de que a história é feita a partir de indagações impostas no e pelo presente do historiador.

Refere-se, assim, à guisa de uma Introdução, à atualidade da cidade de Canoas. O Município constitui-se, afinal, como referência dentro da Região Metropolitana de Porto Alegre; detém o segundo maior PIB do Rio Grande do Sul e é a quarta cidade mais populosa do Estado. Possui um expressivo parque industrial; é popular, ainda, devido à localização estratégica, por sua rede de serviços e por suas instituições de ensino.

Questão que se impõe diante desses dados, com naturalidade, é aquela que pergunta sobre o desenvolvimento da cidade; quando, como e por que se procedeu; dessa forma, alinhava-se: quais os vestígios disponíveis para a composição de um estudo que tente responder a essas indagações? Encaminha-se, então, discussão sobre o *corpus* documental selecionado para a composição do trabalho que aqui está sendo descrito.

A abordagem metodológica do estudo em questão envolveu fontes qualitativas e quantitativas, tais como dados censitários e estatísticos, periódicos, planos urbanísticos, Plantas e documentos administrativos diversos oriundos do poder público e privado. Ao ressaltar-se o caráter esparso e lacunoso do *corpus* documental montado, é necessário mencionar a importância da criação de alternativas metodológicas para o gerenciamento da documentação. Uma delas foi o estabelecimento de programa de trabalho a partir de indícios que, cruzados com as demais fontes e bibliografias de pesquisa, possibilitaram inferências sobre o(s) contexto(s) averiguado(s). Diante de tamanha diversidade, buscou-se adotar, mesmo que brevemente, alguns referenciais basilares para a problematização de cada um dos tipos de fontes agregados à pesquisa, sob pena de meramente transcrevê-las e ou subestimar sua complexidade.

A segunda — e principal alternativa metodológica — foi a incorporação de depoimentos orais à pesquisa. Ao retomar-se a ideia das fontes de pesquisa como vestígios do passado o qual se tenta reconstruir e, especialmente, ao cogitar-se que esses vestígios podem

Descobrir o(s) passado(s) da cidade: itinerário de uma pesquisa histórica sobre a urbanização de Canoas, RS (1929-1959)

Danielle Heberle Viegas

ser, também, mnemônicos, são conjecturados outros mundos de possibilidades a respeito da formação histórica de Canoas. Deste modo, agregaram-se testemunhos de migrantes e imigrantes como fontes-chave, ao propor-se uma pesquisa que é “portadora da singularidade de conviver com testemunhos vivos que, sob certo aspecto, condicionam o trabalho do historiador”.¹⁷

Apesar da mencionada oportunidade de acesso a esses testemunhos, é fato que muitos estudos realizados sobre migrantes no Brasil excluem as próprias vivências desses sujeitos. Segundo Rejane Penna: “o processo migratório nacional foi amplamente estudado por geógrafos, sociólogos, antropólogos e estatísticos a partir de 1960”. Todavia, a pesquisadora argumenta que:

...foram insuficientemente abordados os modos como se transferiram os usos e costumes dos lugares de origem ao de destino e a maneira pela qual tenderam a reinterpretar suas vidas na terra natal no contexto da cidade maior.¹⁸

Refere-se, aqui, especificamente, aos testemunhos orais. Ora, quais outras fontes dariam acesso tão profícuo às interpretações próprias dos (i)migrantes a respeito de suas trajetórias nas cidades urbanizadas? Mais do que isso, no caso da

cidade de Canoas, a utilização de testemunhos orais como fontes de consulta fez-se como uma necessidade diante do caráter esparso e lacunar das fontes escritas e impressas localizadas. Tal fator, segundo Penna¹⁹, está relacionado ao crescimento intensificado que Canoas sofreu a partir da década de 1950, o que contribuiu, significativamente, para o desaparecimento de muitos vestígios sobre o passado da cidade. A essa constatação, agrega-se o fato de grande parte da documentação relativa à cidade de Canoas em momento anterior à década de 1960 ser de origem privada. Além disso, lembra-se que a História e a Memória cidadina foram incorporadas tardiamente por parte do Poder Público em Canoas, no sentido de organizar e de preservar testemunhos relativos à cidade em uma instituição própria para tanto²⁰.

Conhecidas por serem fontes produzidas pelo próprio historiador que as julga necessárias para a composição de uma pesquisa, as narrativas orais constituem um caso à parte no presente trabalho. Isso porque o conjunto de entrevistas utilizado não foi originalmente produzido com exclusividade para a realização deste trabalho. As fontes fazem parte de um acervo oral montado a partir

Descobrimos o(s) passado(s) da cidade: itinerário de uma pesquisa histórica sobre a urbanização de Canoas, RS (1929-1959)

Danielle Heberle Viegas

da realização de um projeto na cidade de Canoas durante mais de uma década²¹. Crê-se que a consulta a esse acervo institui-se como válida, primeiramente, pela quantidade e pela diversidade de transcrições de entrevistas à disposição, certamente mais de cem exemplares, índice que nunca seria possível de ser alcançado através da produção autoral das entrevistas. O segundo e terceiro fator de destaque é a valorização e a dinamização dos testemunhos que compõem tal acervo e, enfim, a constatação mais importante, de que as entrevistas respondem às perguntas que lhes são direcionadas.

Uma vez esclarecidos os objetivos do estudo em destaque, algumas das problematizações relativas ao mesmo, bem como o compartilhamento das fontes empregadas em sua pesquisa, segue-se para a composição de etapa crucial à elaboração deste trabalho: a revisão bibliográfica da temática em questão. Afinal, o que se tem escrito sobre Canoas e outras cidades metropolitanas? Eis a segunda pausa feita no caminho que esse itinerário está buscando descrever.

Em busca de outras leituras (e escritos) sobre cidades metropolitanas

Era o ano de 1978 quando João Palma da Silva, conhecido memorialista de

Canoas, escreveu que a História da cidade “...movida por seu desenvolvimento industrial e comercial, é recente demais para ser escrita e interpretada”²². A frase em destaque carrega consigo algumas questões bastante pertinentes para discussão sobre a escrita da História de Canoas.

A primeira delas, diz respeito à exigência de distanciamento por parte do historiador em relação ao problema de pesquisa que deseja investigar. A segunda questão reforça o problema compartilhado na primeira, baseado em dados que indicam o vertiginoso desenvolvimento que a cidade de Canoas esteve submetida na década de 1970, quando da publicação da obra citada. Em outras palavras, escrever a História de Canoas no ano de 1978 era tarefa ingrata, estando o memorialista situado espacial e temporalmente em pleno “olho do furacão” do processo histórico que almejava investigar. Tal fato, segundo Palma, o impediria de estabelecer uma escrita idônea sobre o passado da cidade.

A solução vislumbrada por João Palma da Silva, na época, foi a de divulgar extensa cronologia com a missão de destacar os fatos de maior relevância para Canoas, tendo em mente que essa

Descobrimos o(s) passado(s) da cidade: itinerário de uma pesquisa histórica sobre a urbanização de Canoas, RS (1929-1959)

Danielle Heberle Viegas

alternativa era preferível ao caminho necessariamente interpretativo e parcial que a narrativa iria impor ao seu trabalho.

Em 2010, trinta e dois anos após a referida afirmação, questiona-se a parcialidade do historiador, ao compor uma trama narrativa que não é mais medida pela distância temporal em relação aos fatos que se deseja averiguar, mas, pelo contrário, essa parcialidade está incorporada como elemento próprio à posição ativa que o historiador ocupa no fazer historiográfico; mais do que isso, evocam-se as inúmeras possibilidades de escrita da História da cidade de Canoas. Para isso, fez-se necessária a busca das possibilidades de investigação já concretizadas pela Historiografia a respeito do assunto em pauta.

No que diz respeito às pesquisas historiográficas, identificou-se que a formalização dos estudos sobre a cidade tem a sua maior expressão nos trabalhos desenvolvidos no âmbito da chamada *História Urbana*. Um dos capítulos do livro *Domínios da História*, organizado por Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas, apresenta texto dedicado a essa área de estudos. A obra, publicada em 1997 no Brasil, com o objetivo de mapear questões teóricas e percursos

historiográficos no país, antecipou a relevância da História Urbana já na década passada. Conforme Ronald Raminelli²³, autor do ensaio:

Os estudos urbanos têm promovido o surgimento de equipes interdisciplinares, encarregadas de desenvolver investigações de grande amplitude. Conseqüentemente, os objetos de pesquisa ampliaram-se, reconstruindo a complexidade da estrutura social, destacando as relações travadas entre os vários segmentos sociais do espaço urbano. Uma outra característica dessa “nova História Urbana” está no emprego de teorias para poder ordenar o material empírico.

Apesar disso, a História Urbana apresentou, durante muito tempo, a carência de definição precisa, sendo constantemente confundida com a escrita de “*Histórias de cidades*” — usualmente de caráter enaltecido e ufanista —, conforme indicou Luís Octávio da Silva²⁴.

Tal campo de estudos se afastou desse paradigma, ao lidar com a cidade e ou com o urbano, a partir de perspectiva entrelaçada, plural e complexa, passível de múltiplos olhares e contribuições, como já citado em momento anterior. Isenta-se aqui de tentar dar conta, até mesmo de parte dos trabalhos individuais expoentes dentro desse âmbito de pesquisa. Sobre esse aspecto, optou-se por registrar somente algumas coletâneas que congregam trabalhos fundamentais sobre o assunto²⁵.

Descobrimos o(s) passado(s) da cidade: itinerário de uma pesquisa histórica sobre a urbanização de Canoas, RS (1929-1959)

Danielle Heberle Viegas

Da mesma forma, agregam-se textos fundamentais a qualquer introdução sobre o estatuto da História Urbana como área do conhecimento.²⁶

Mais do que arrolar referências, no entanto, a revisão bibliográfica temática deve, sobretudo, fornecer suporte e encaminhar problematizações em relação ao objeto de estudo posto. Dessa forma, a principal conclusão resultante da análise do estado de arte da História Urbana no Brasil foi a repetição de escolhas em termos de recortes espaciais (cidades capitais) e temporais (final do século XIX e início do século XX). Essa constatação exclui, conseqüentemente, uma presença significativa de pesquisas historiográficas a respeito de cidades formadas na segunda metade do século XX.

Mesmo a partir de olhar que leva em conta as inúmeras áreas do conhecimento que tomam a cidade como objeto de estudo, é evidente o verdadeiro vazio apresentado quando se procura por estudos de cidades metropolitanas, cuja exploração histórica se encerra em abordagens econômicas e estatísticas, fatores importantes, sem dúvida, mas que merecem ser acompanhados de outras perspectivas. No entanto, há silêncio sobre isso.

Questões muito pertinentes em relação a essa constatação podem ser averiguadas, especialmente, a partir da Historiografia francesa. Neste sentido, foi localizada edição da Revista *Historie Urbaine*, exclusivamente dedicada ao tema das *cidades novas*. Não por acaso, a apresentação da referida Revista foi no sentido da acusação de lacuna de estudos sobre a temática²⁷. Outros dois ensaios publicados em revistas especializadas da França, sendo um deles na mesma *Histoire Urbaine*, completam um conjunto de textos que aqui são abordados para uma interlocução temática²⁸, graças à reconhecida influência da tradição historiográfica francesa sobre as produções brasileiras.

Ponto comum a diversos países na metade do século XX, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, foi a formação de grandes redutos residenciais junto às cidades capitais, processo que, como se sabe, obedeceu a conjunturas locais e também globais. As cidades formadas nessas condições históricas específicas foram chamadas de “metropolitanas”, “novas” ou, ainda, de “cidades dormitórios”.

Reservadas as diferenças profundas entre o contexto brasileiro e o francês, uma

Descobrimos o(s) passado(s) da cidade: itinerário de uma pesquisa histórica sobre a urbanização de Canoas, RS (1929-1959)

Danielle Heberle Viegas

constatação pode ser estendida a ambos: o desinteresse da Historiografia em estudar tais áreas. A fissura é tão profunda, no caso francês, que Lôic Vadelorge intitulou seu artigo de *As cidades sem História*.²⁹ O referido autor esclarece que esse

hiato remete [...] a problemas clássicos da História Contemporânea — dificuldades de abordar as épocas mais recentes —, mas, também, a problemas específicos das cidades novas.³⁰

De imediato, avalia-se que um desses problemas é a tipologia de documentação averiguada, bastante diferenciada daquela usualmente consultada em cidades capitais, cujo papel do Estado foi muito mais expressivo tanto na produção, quanto no resguardo dos documentos.³¹

O autor nomeia os historiadores de “verdadeiros abonados ausentes da História Contemporânea do Urbanismo”³², ao criticar a carência de estudos historiográficos voltados ao estudo das cidades novas na França. E não está sozinho: Annie Fourcaut, já citada em momento anterior, em seu texto *História Urbana da França Contemporânea*³³, nomeia esse campo de investigação como “continente ainda não-explorado”³⁴ e ressalva o papel predominante exercido pelos estudos sobre as cidades capitais:

Ainda que ao redor de dinâmicos polos provinciais tenham sido produzidos trabalhos, a dominação de Paris se reflete no estado da bibliografia, na qual o século XX permanece ainda pouco abordado.³⁵

No Brasil, igualmente, os estudos predominantes sobre essas formações urbanas recentes foram produzidos, principalmente, a partir dos anos de 1980³⁶ e estão marcados, salvo algumas exceções, por abordagens que reduzem as dinâmicas urbanas a meras extensões de conjunturas econômicas. Essa questão pode ser exemplificada em nível local, na Região Metropolitana de Porto Alegre, pois, em meio à preponderância de estudos econômicos³⁷, somente os trabalhos de Regina Weber³⁸ são passíveis de destaque devido à exploração da temática da identidade a partir da utilização de depoimentos orais.

Restringindo o campo de análise, vai-se ao encontro de escritos sobre a cidade de Canoas. Mais uma vez, recorre-se às reflexões de Luís Octávio da Silva:

Desde há muito a História das cidades se confunde com a própria História das civilizações e do território (...). Gênero consagrado, as biografias urbanas até as primeiras décadas do século XX eram fundamentalmente obras de não-especialistas em História, de caráter enaltecido de uma determinada localidade, em forma narrativa convencional, dando destaque à apreensão cronológica de fatos notáveis ...³⁹

Descobrimo o(s) passado(s) da cidade: itinerário de uma pesquisa histórica sobre a urbanização de Canoas, RS (1929-1959)

Danielle Heberle Viegas

Ao transpor estas declarações à realidade de investigação, inferiu-se que o estilo memorialista de produção da História das cidades também é uma vertente bastante acentuada quando se pesquisa a respeito de cidades metropolitanas. Pode-se identificar essa constatação no estudo de caso aqui proposto, pois, a obra de viés tradicional *Pequena História de Canoas*⁴⁰, de autoria de João Palma da Silva escrita como um extenso índice cronológico de fatos e datas, domina as produções locais sobre Canoas.

Assim, aspecto marcante a respeito da proposta de se revisar a Historiografia da cidade de Canoas foi o encontro com o trabalho dos memorialistas. Outro representante dessa vertente é Jesus Pfeil que, na tentativa de recuperar e de resguardar aspectos do passado da localidade em que vive, assumiu o papel de verdadeiro colecionador de dados, outrora transpostos em um arrolamento de documentos e de fotografias⁴¹ que resultaram em uma publicação de dois volumes. Nesse caso, mais uma vez, identificou-se semelhança com o contexto francês. Vadelorge esclarece que:

Diversos historiadores locais das cidades novas se consideram também como cronistas do tempo presente. Sem método preciso, reúnem papéis (prospectos, deliberações, atas de

associações) ou imagens (fotografias, filmes, cartazes), que constituem os primeiros arquivos das cidades novas.⁴²

A perspectiva memorialista fora minimizada, somente, por publicações resultantes do Projeto *Canoas: para lembrar quem somos*. A pesquisa estuda a História de Canoas a partir da formação dos Bairros da cidade⁴³. Encontra na História Oral a principal metodologia utilizada e, segundo aquilatou-se, trata-se de raro exemplo historiográfico que une aprofundamento teórico e o (re)conhecimento da população local.

Seja como for, procurar-se-á agregar aqui leituras pontuais e novas questões para o estudo de cidades metropolitanas, notadamente, sobre Canoas. Para isso, a pesquisa foi exposta a partir de uma narrativa, cujo “mapa” também foi incorporado a esse itinerário.

Compondo o mapa de uma narrativa

Ao lembrar-se de um dos mais importantes instrumentos utilizados quando da elaboração de um itinerário – o mapa –, busca-se destacar a composição dos capítulos que formaram a Dissertação a qual esse texto se reporta, por meio do que foi nominado “mapa de uma

Descobrimo o(s) passado(s) da cidade: itinerário de uma pesquisa histórica sobre a urbanização de Canoas, RS (1929-1959)

Danielle Heberle Viegas

narrativa”. Esse irá servir como guia das principais reflexões e questionamentos adotados em cada seção do trabalho, os quais serão novamente mencionados nesse itinerário, à guisa de conclusão.

Ao se iniciar o primeiro capítulo, busca-se responder à seguinte questão: Qual era o panorama urbano da cidade de Canoas na década de 1930? Tendo em conta as referências já expostas sobre a cidade, objetivou-se identificá-las naquele momento, interpretado como basilar para a formação urbana do Município — a década de sua emancipação. Para isso, pensou-se metaforicamente a cidade de Canoas a partir de espelhos, que se prestam a evidenciar a origem dos diversos cenários que compõe a paisagem urbana da cidade.

Os espelhos formadores desses cenários não são ocultos ou tão pouco idôneos. São direcionados pelo historiador e só deixaram provocar reflexos onde há pistas. Neste sentido, para elaboração do primeiro capítulo, essas referências foram buscadas através de vestígios identificados em matérias publicadas em periódicos da época, lembrando inúmeras problematizações que os jornais oferecem enquanto fontes de pesquisa⁴⁴. A partir dos rastros obtidos, seguiu-se para averiguação mais profunda dos cenários identificados e

das práticas urbanas relacionadas aos mesmos.

A década de 1930 é elucidativa, pois compõe área de fronteira entre os projetos para o futuro da cidade de Canoas, que serão todos endossados a partir da sua emancipação, assegurada em 1939. Para garantir sua independência da cidade de Gravataí, foi necessário providenciar, também, uma série de transformações que construíssem nova paisagem para o ainda mais novo Município, questões essas tratadas na segunda parte do capítulo em questão. É a busca da emancipação através da urbanização da cidade que é nesta pesquisa estudada a partir de dois fatos específicos da década: a criação da Comissão Pró-Melhoramentos de Canoas (1933) e a instalação do Terceiro Regimento de Aviação na cidade (1935).

A segunda parte do texto foi chamada de “A cidade e a metamorfose” e está debruçada na ação governamental dos três primeiros Prefeitos nomeados de Canoas, a saber: Edgar Braga da Fontoura (gestão 1940 a 1941); Aluízio Palmeiro de Escobar (gestão 1941 a 1945); e Nelson Paim Terra (gestão 1945 a 1951).

Foi observado que as medidas encaminhadas por tais lideranças marcaram um esforço inicial em prol da

Descobrimo o(s) passado(s) da cidade: itinerário de uma pesquisa histórica sobre a urbanização de Canoas, RS (1929-1959)

Danielle Heberle Viegas

urbanização sistemática da cidade, por meio do planejamento (mas nem sempre da execução) de alguns serviços básicos, tais como saneamento, transporte e luz elétrica. Além disso, evidenciou-se preocupação em materializar o poder público local, através da elaboração de um Centro Cívico.

Com base nessas pontualidades, julgou-se que o período compreendido entre as gestões citadas costura características em comum que permitem a sua exposição narrativa em um capítulo exclusivo. Algumas questões que norteiam esse tópico são: como as ações urbanas foram conduzidas pela e na esfera pública? Quais foram as articulações tecidas em relação ao domínio privado? Como se deu a manutenção das práticas urbanas exercidas anteriormente no povoado?

Toma-se conhecimento, em especial, de três Planos Urbanísticos projetados para Canoas na década de 1940, cuja análise é inédita.

Já o capítulo que encerra a Dissertação foi nomeado de “A cidade e suas vozes”. Fornece atenção, em especial, àquelas questões relativas à mobilidade populacional e territorial gerada em Canoas a partir da deflagração de processos (i)migratórios e de novos loteamentos. Embora o assunto perpassa

todos os capítulos que compõe o trabalho, optou-se por dedicar seção exclusiva para essa temática, com base no avassalador contingente de (i)migrantes que chegaram à cidade na década de 1950, conforme expressam índices quantitativos e dados qualitativos da época.

Ainda sobre a divisão estrutural do texto da dissertação, ressalta-se a opção pela composição da narrativa de todos os capítulos a partir de estudos com fontes primárias, ao passo que se recusa a separação entre contexto/objeto de estudo ou problema/fontes de pesquisa. As conjecturas relacionadas a respeito das diferentes temporalidades sob as quais se efetuou a urbanização de Canoas são interessantes, nesse sentido, para examinar como as resoluções tomadas pelo Governo local podem ser definidas em relação ao contexto estadual e nacional da época, tendo em conta a assertiva de José de Souza Martins de que a História local não é e nem pode ser “uma história-reflexo, porque se fosse, negaria a mediação em que se constituiu a particularidade dos processos locais e imediatos e que não se repetem, nem podem se repetir”.⁴⁵

A tentativa está encaminhada, portanto, tanto para notar paralelismos entre escalas, quanto para afirmar as

Descobrimo o(s) passado(s) da cidade: itinerário de uma pesquisa histórica sobre a urbanização de Canoas, RS (1929-1959)

Danielle Heberle Viegas

peculiaridades da urbanização de Canoas, ao afirmar-se, mais uma vez, a importância de estudos concentrados nas cidades metropolitanas brasileiras.

Trechos finais: algumas conclusões

A pesquisa descrita anteriormente buscou responder à seguinte indagação: Quais foram as especificidades do desenvolvimento da cidade de Canoas, sob o ponto de vista urbano, entre as décadas de 1930 e 1960? Reporta-se, de imediato, às principais referências urbanas anunciadas sobre a cidade de Canoas, de cidade veraneio, cidade dormitório e cidade industrial. Chamou-se a atenção para a importância dessas tipologias, observada a sua recorrência em bibliografias especializadas. Igualmente, identificou-se que tais referências frequentemente são aplicadas apenas como recursos narrativos quando da escrita da História de Canoas. Durante a efetivação da pesquisa aquilatou-se, contudo, que essas noções possuíam não apenas respaldo historiográfico, mas também documental, sendo constante a sua citação em jornais e documentos de época.

Essa nova situação encaminhou a conclusão de que as referências de cidade

veraneio, cidade dormitório e cidade industrial não se constituíram, apenas, como elementos inativos junto ao processo de urbanização do Município de Canoas. Uma vez situadas em seu contexto de produção, passou-se a compreender tais categorias, também, como possíveis projetos para a construção do futuro da cidade de Canoas, que esteve pautado pela e na urbanização.

Não foi, contudo, a admissão dessas categorias como projetos — e não somente como referências estéticas junto ao processo de urbanização — que garantiu a elaboração de abordagem diferenciada a respeito da temática em foco. Afinal de contas, a Historiografia local usualmente se ocupou dessa tarefa, ao interpretar o desenvolvimento de Canoas a partir de sucessão cronológica. De acordo com esta, cada projeto é reconhecido como uma substituição de uma referência anterior. A explicação mais popular é a de que Canoas se desenvolveu a partir de uma “evolução”, no qual a expressão “de cidade veraneio à cidade industrial” é a que mais figura.

Um olhar atento sobre a totalidade do *corpus* documental selecionado permitiu inferir, entretanto, que esses projetos não substituíram um ao outro no

Descobririndo o(s) passado(s) da cidade: itinerário de uma pesquisa histórica sobre a urbanização de Canoas, RS (1929-1959)

Danielle Heberle Viegas

processo de desenvolvimento urbano da cidade, mas articularam-se, antes, concomitantemente. Assim, podem-se entender práticas relacionadas ao projeto de Canoas como uma cidade veraneio ainda na década de 1960 — quando Canoas se supunha um polo industrial —, por meio da confirmação do território ao redor da antiga estação de trem como o Centro Cívico da comunidade; igualmente, foi possível identificar nos anos 1930 os múltiplos começos da consolidação de Canoas como reduto dormitório, ainda que essa imagem seja reforçada somente a partir de 1950. Essas informações destituem as fronteiras restritas fomentadas pela Historiografia de que do início do século XX até os anos trinta Canoas esteve pautada somente por práticas que conformaram a cidade veraneio; ainda, de que as décadas de 1940 e 1950 fazem menção unilateralmente à ideia de cidade dormitório e, daí em diante, o projeto norteador de Canoas é o da cidade industrial.

Tais interpretações recorrentes, afinal, não encontram respaldo nas fontes averiguadas. Conforme se adiantou, a documentação aponta para o convívio desses projetos, no transcorrer do período averiguado; tal convívio, no entanto, não é

sinônimo de ajustamento e exatidão: há preponderância, em determinadas ocasiões, de um projeto sobre o outro. A diferença está situada, porém, na interpretação retida a partir disso. Em vez de se clamar em nome da homogeneidade, trabalhou-se ao em favor da demonstração de que, apesar de um projeto ser respaldado por um maior número de práticas em uma época, isso não significa que as demais referências — e as temporalidades que elas representam — estivessem destituídas daquele momento histórico.

A adoção de perspectiva centrada em diferentes temporalidades rompe, de tal modo, em primeira instância, com um olhar evolutivo cadenciado sobre a urbanização de Canoas. Deduziu-se que tal ponto de vista legítima, por sua vez, uma visão antipatrimonial sobre a cidade, pois soterra os resquícios das cidades do passado (no caso, a cidade veraneio) em prol da valorização da cidade do futuro (a cidade industrial).

A tentativa de se identificar minimamente outras temporalidades e projetos evidenciou os desníveis que podem ocorrer entre formas econômicas, culturais e sociais em uma cidade: conferiu-se que a Canoas da década de 1960 detinha a terceira maior densidade

Descobrimo o(s) passado(s) da cidade: itinerário de uma pesquisa histórica sobre a urbanização de Canoas, RS (1929-1959)

Danielle Heberle Viegas

populacional do Estado, embora não possuísse recursos econômicos que amparassem a sua população. Do mesmo modo, ainda na década de 1930, estabelecimentos como os Frigoríficos Nacionais Sul Rio-Brasileiros instalados na cidade, angariavam (i)migrantes para dar conta das ofertas de trabalho disponíveis.

A diferenciação da abordagem que aqui foi proposta não está, portanto, somente no reconhecimento das principais referências urbanas de Canoas como projetos de legitimação do futuro da cidade, mas na identificação das diferentes temporalidades embutidas na construção desses projetos; temporalidades que, por sua vez, puderam ser analisadas a partir de práticas que se consideraram como basilares ao estudo da urbanização da cidade.

Uma vez esclarecida a importância da compreensão das referências sobre Canoas como chaves de análise essenciais para o estudo do desenvolvimento urbano da cidade — e da sua conseqüente influência na configuração desta pesquisa como um todo —, retorna-se, então, à questão inicial que indagava sobre as especificidades da urbanização de Canoas entre os anos de 1929 e 1959.

Vislumbrou-se a tentativa de um estudo de Hermenêutica e, como tal, pautado em uma interpretação específica. Essa interpretação deduziu, a partir de um diálogo com as fontes de pesquisa, que as décadas de 1930, 1940 e 1950 constituíram a fase germinal da urbanização de Canoas. As principais fissuras nos territórios da cidade, afinal, foram realizadas ao longo dessas décadas, como, por exemplo, a formação primitiva daqueles que vieram a constituir os Bairros da cidade; a definição espacial dos principais logradouros e prédios públicos e o despertar para uma ideia cidadina. Dessa maneira, afirma-se ser tal *intermezzo* temporal um espaço de construção do(s) futuro(s) da cidade.

Esse espaço *urbano* de construção foi notadamente marcado por sua vinculação com o setor privado, sabendo-se que o processo de urbanização da cidade de Canoas, até o limiar da década de 1960, ocorreu predominantemente desvinculado de qualquer interferência pública de poder. A cidade teve sua urbanização pautada, naquele momento, pela iniciativa de sociedades territoriais e imobiliárias. Tal característica fez com que o seu desenvolvimento urbano não tivesse envolvido a produção de símbolos e de patrimônios coletivos, tampouco estivesse

Descobrimo o(s) passado(s) da cidade: itinerário de uma pesquisa histórica sobre a urbanização de Canoas, RS (1929-1959)

Danielle Heberle Viegas

orientado por pressupostos urbanísticos e científicos.

Outro fator que responde à questão de como foi regulada a urbanização da cidade de Canoas nas três décadas indicadas é aquele que considera a articulação entre os âmbitos municipal, estadual e nacional nos contextos indicados. Essa articulação não foi sincrônica, tampouco regular. Entretanto, identificou-se expressivo alinhamento entre essas escalas, sobretudo, a partir dos anos de 1950; é, nessa direção, um sinalizador do que veio a ser característico no Brasil nas décadas seguintes: a cooperação entre as diferentes dimensões do poder público na realização de ações urbanas nas cidades do país, cujo exemplo maior foi o Banco Nacional de Habitação (BNH).

Ainda, dentro dessa pauta, afirma-se que essas escalas são sempre relacionais e não podem ser analisadas isoladamente. A visão histórica, quando orientada nesse sentido, evita a busca por determinismos no processo de urbanização da cidade. Desta forma, se, no século XIX, a instalação da linha férrea favoreceu o povoamento da região, o notável crescimento populacional que a cidade acompanhou ao longo do século XX esteve

vinculado às (i)migrações diversas, ligadas, tanto a dinâmicas locais, quanto nacionais e globais; além disso, o seu desenvolvimento industrial está estritamente vinculado à sua posição geográfica. Assim, se a localização de Canoas foi determinante, isso só ocorreu em relação a acontecimentos correlatos que tornaram a cidade polo residencial e industrial à época, como a expansão — específica — de Porto Alegre a partir de sua zona norte. Faz-se correspondência, destarte, ao problema de pesquisa indicado, em um primeiro momento, de que a urbanização de Canoas só pode ser entendida a partir de sua relação com os processos de metropolização e de (i)migração que envolveram a cidade no período.

A associação às três principais referências que Canoas possui em seu desenvolvimento (cidade veraneio, cidade dormitório e cidade industrial) possibilitou um entendimento integrado dessas categorias com os processos de urbanização e de metropolização da cidade bem como as diferenciações entre as escalas e contextos em que as (i)migrações estiveram incluídas. Desta forma, a princípio, a mobilidade populacional esteve associada à utilização de Canoas

Descobrimo o(s) passado(s) da cidade: itinerário de uma pesquisa histórica sobre a urbanização de Canoas, RS (1929-1959)

Danielle Heberle Viegas

como ponto de veraneio pela elite porto-alegrense, questão imediatamente ligada ao âmbito local. Já, posteriormente, se acompanhou, por meio de estudo de caso sobre o Bairro Niterói, a construção de zona de fronteira entre diversos processos concomitantes na segunda metade do século XX, seja em dimensão global, nacional ou regional. E, por fim, flagrou-se a busca de trabalho em indústrias do Município, processo esse, estreitamente ligado às migrações intermunicipais.

Conclui-se, então, ser o tempo, categoria crucial para essa análise, visto que ele forneceu o sentido histórico aos elementos a partir dos quais se buscou construir este estudo, bem como estabeleceu olhar cruzado entre as diferentes décadas abarcadas na presente pesquisa.

Ressaltaram-se, ainda, as contribuições trazidas devido ao uso da metodologia da História Oral. A utilização de depoimentos orais permitiu que se tratasse, não somente de (i)migração e território, mas ainda da articulação entre mobilidade populacional e territorial na cidade na metade do século XX. Igualmente, pode-se trazer contribuição no sentido de revelar algumas identidades daqueles usualmente tratados apenas como

números em estatísticas. Além disso, ficou claro que as (i)migrações relacionadas à cidade de Canoas foram múltiplas, assim como os territórios transformados em razão desses movimentos populacionais.

Pode-se desconstruir, deste modo, alguns lugares comuns, tanto no sentido de que a população de Canoas à época era formada por migrantes pobres advindos do interior do Estado, quanto em relação aos loteamentos da cidade que os abrigavam, usualmente destacados por sua baixa infraestrutura. Pelo contrário: foi evidente, pois, a presença de estrangeiros. Embora a imigração no período não tivesse respaldo do Estado, notabilizou-se a formação de redes de contato e de sociabilidade étnica; igualmente, Canoas possuía disponíveis núcleos habitacionais diferenciados daqueles conhecidos por estarem suscetíveis às enchentes.

Finaliza-se, considerando que a construção dos territórios de existência dos (i)migrantes junto à realidade urbana vivenciada fornece inúmeras possibilidades de pesquisa senão as aqui apontadas, tais como as permanências, as rupturas, as segregações e as formas de sociabilidade ligadas a esses processos.

Igualmente, encaminha-se a importância de pesquisas vindouras que

Descobrimo o(s) passado(s) da cidade: itinerário de uma pesquisa histórica sobre a urbanização de Canoas, RS (1929-1959)

Danielle Heberle Viegas

tenham dar conta das diferentes ocupações e dos usos dos territórios de Canoas a partir de recorte cronológico mais amplo; afinal, conforme se destacou, a partir da década de 1950, outros loteamentos da cidade começaram a ser explorados, dessa vez com a intervenção do poder público.

Ainda dentro desse âmbito, ressalta-se a temática das sociabilidades. Longe de tentar dar conta da totalidade e da diversidade que envolveu o exercício do lazer e do convívio social em Canoas naqueles tempos, a discussão serviu ao propósito de ser interlocutora ao assunto principal que aqui se expôs: a urbanização de Canoas. Acabou por respaldar os diferentes tempos existentes na cidade a partir de zonas de fronteira geradas entre os seus Bairros, ainda que tais limites sejam móveis e flexíveis.

O estudo aqui exposto tentou contribuir para o suprimento de lacuna historiográfica relativa aos estudos sobre cidades metropolitanas no âmbito da História Urbana; igualmente, caracteriza-se por seu caráter principiante quanto ao estudo acadêmico da História da cidade de Canoas. Ressalta-se, desse modo, que o trabalho tratou de abordar alguns dos principais aspectos que envolveram a urbanização da comunidade no período

proposto. Neste sentido, o texto foi formulado como um encaminhador de pesquisas mais específicas, que certamente podem ser aprofundadas a partir de algumas temáticas contempladas brevemente. E quais possibilidades seriam essas? À guisa de conclusão, destacam-se alguns desdobramentos.

Constatou-se que o assunto cuja incorporação foi a mais provocadora de pesquisas correlatas é o das referências urbanas sobre a cidade de Canoas. Em primeiro lugar, pela reconfiguração que o seu estudo trouxe à problemática inicial desta pesquisa que, inclusive, não dimensionava a sua importância. Tais categorias evidenciaram a necessidade do estabelecimento de estudo temático e não cronológico sobre a urbanização da cidade, dada à inoperância com a qual esta pesquisa, por vezes, deparou-se, diante da tentativa de agrupar práticas comuns a determinadas épocas.

A incorporação das referências de cidade veraneio, cidade dormitório e cidade industrial obedeceu a critérios historiográficos. Em outras palavras, essas referências foram incluídas porque são aquelas mais mencionadas pelas produções locais voltadas ao estudo da História de Canoas. Encontram respaldo, também, em

Descobrimos o(s) passado(s) da cidade: itinerário de uma pesquisa histórica sobre a urbanização de Canoas, RS (1929-1959)

Danielle Heberle Viegas

produções sobre outras cidades, podendo ser consideradas verdadeiras categorias de classificação urbanas.

O contato com as fontes de pesquisa revelou, contudo, a existência de outras referências não citadas pela Historiografia local ou por análises urbanísticas. Essas são as de *cidade operária*, *cidade celeiro*, *cidade negra* e *cidade rural*. Estão relacionadas a práticas como a de Canoas abastecer de hortifrutigranjeiros à Capital e de abrigar territórios que vieram a ser reconhecidos, na atualidade, como remanescentes de quilombos. Essas pontualidades são encaminhadoras de estudos que buscam refletir sobre o esquecimento sobre essas categorias na análise da urbanização de Canoas, embora, por vezes, elas possam ser contempladas isoladamente. Ainda com esse propósito, pensa-se ser interessante o estudo do processo de tradição criado a partir dessas categorias na cidade de Canoas, em específico, e não a sua trajetória independente, o que já fizeram muitos estudos do Urbanismo.

Quanto às conclusões advindas da pergunta inicial, em relação ao objeto de pesquisa elencado, agrega-se a possibilidade da realização de estudo que tenha a intenção de refletir sobre a

influência do tipo de urbanização específica a que Canoas esteve submetida — dominada pelo âmbito privado e pela dispersão — no processo de construção de Memória, de História e de Identidade cidadina. Ainda nesse sentido, destaca-se a contribuição que esta análise buscou agregar aos estudos urbanos brasileiros no sentido de evidenciar outro ritmo de urbanização, senão aquela cadenciada pelos exemplos das cidades capitais, reformadas sucessivamente ao longo do século XX, usualmente, a partir de modelos europeus.

Canoas, ao contrário, não foi reformada: já nasceu sob o signo da urbanização. O estudo da temporalidade adversa proveniente desse processo é encaminhador de estudos comparativos entre cidades metropolitanas brasileiras e sul-rio-grandenses, em geral, interpretadas a partir de uma mesma continuidade urbana, mero desdobramento da expansão da metrópole capital. Ora, provou-se que Canoas apresenta especificidades próprias, como o seu uso de cidade veraneio no passado, fator que não se estende a outras cidades metropolitanas. Possibilitou-se, portanto, que Canoas seja interpretada, por meio de suas semelhanças, mas também

Descobrir o(s) passado(s) da cidade: itinerário de uma pesquisa histórica sobre a urbanização de Canoas, RS (1929-1959)

Danielle Heberle Viegas

por suas diferenças em relação a outras cidades brasileiras.

Dentre o mundo de perspectivas resguardadas para o estudo da História de Canoas, procurou-se dar conta de uma, a saber, que foi a primeira fase de urbanização da cidade. Permanece a lacuna, no entanto, das fases subseqüentes àquela que foi abordada, em que as questões mais latentes que se impõem são, sobretudo, a das articulações que irão estabelecer-se, em relação às atividades urbanísticas já consolidadas na urbe. Em tempo, conforme se ressaltou, dos processos balizadores da construção da memória ao esquecimento e da identidade na cidade na segunda metade do século XX. O trabalho é finalizado, assim, apontando para a multiplicidade de passados e de futuros possíveis de serem configurados e interpretados em relação à urbanização de Canoas. Os itinerários dessas pesquisas ainda estão por serem elaborados.

¹ Refere-se, aqui, a minha Dissertação de Mestrado intitulada “Entre o(s) passado(s) e o(s) futuro(s) da cidade: um estudo sobre a urbanização de Canoas/RS (1929-1959)”, desenvolvida e aprovada junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). A pesquisa foi desenvolvida com o apoio da CAPES e sob a orientação da Profa. Dra. Núncia Santoro de Constantino.

²FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. *De Província de São Pedro a Estado do Rio*

Grande do Sul - censos do RS - 1803-1950. Porto Alegre, 1981.

³ FOURCAUT, Annie. L’Histoire Urbaine de la France Contemporaine: état des lieux. *Histoire Urbaine*, n. 8, p. 173, 2003/2. (Tradução livre de Gustavo de Azambuja Feix, 2010).

⁴ “Ni les grandes monographies sociales fondées sur des approches statistiques, pertinentes pour les villes du xixe siècle, ni la micro-histoire ne peuvent rendre compte des changements sociaux induits par le passage de la ville à l’urbain” (Tradução livre de Gustavo de Azambuja Feix, 2010) Ibid., p. 175.

⁵ BRESCIANI, Maria Stella. Cidade e História. In: OLIVEIRA, Lucia Lippi de (org.). *Cidade: História e desafios*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2002a. p. 19.

⁶ Atualmente, tal problemática está tão latente no Brasil, que foi o tema principal de discussão no Simpósio Temático *História e Urbanização: rediscutindo o Espaço Urbano*, promovido durante o XIV Encontro Estadual de História do Rio de Janeiro, em julho de 2010, sob a coordenação do Prof. Dr. César Honorato (UFRJ).

⁷ RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. t. 1. Campinas: Papirus, 1994. p. 105.

⁸ Exemplo, nesse sentido é o trabalho de OLIVEIRA, Tânia Ramos de. *Da estação de veraneio à cidade atual: a identidade de Canoas*. Monografia de Especialização em História Contemporânea, Canoas, Unilasalle, 2003.

⁹ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

¹⁰ CATROGA, Fernando. Uma história sem rostos. In: _____. *Os passos do homem como restolho do tempo – Memória e fim do fim da História*. Coimbra: Edições Almedina, 2009. p. 104.

¹¹ RICOEUR, Paul. O passado tinha um futuro. In: MORIN, Edgar. *O desafio do século XXI: religar os conhecimentos*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001. p. 327.

¹² NICOLAZZI, Fernando. Uma teoria da História: Paul Ricoeur e a Hermenêutica do discurso historiográfico. *História em Revista*, Pelotas, v. 9, p. 177, 2003.

¹³ DOEUK, Sybil Safdie. *Memória e exílio*. São Paulo: Escuta, 2003. p. 33.

¹⁴ A gênese da ideia de cidade como um campo de prática social está em RONCAYOLO, Marcel. Cidade. Região. *Enciclopédia Einaudi*. v. 8. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986. p. 396.

¹⁵ LEPETIT, Bernard. *Por uma nova História Urbana*. São Paulo: Ed. da USP, 2001. p. 145.

¹⁶ RICOEUR, 2001, op. cit., p. 326.

Descobrimos o(s) passado(s) da cidade: itinerário de uma pesquisa histórica sobre a urbanização de Canoas, RS (1929-1959)

Danielle Heberle Viegas

¹⁷ FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e História Oral. *Topoi*, Rio de Janeiro, p. 322, dez. 2002.

¹⁸ PENNA, Rejane Silva. Deslocamentos e adaptações: uma proposta de interpretação das narrativas de migrantes, unindo elementos da Hermenêutica e da análise de discurso. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. XXXII, n. 1, p. 100, jun. 2006.

¹⁹ Id. Lembros; logo, existo: descobrimos a cidade e a História Oral. *La Salle: Revista de Educação, Ciência e Cultura*, Canoas, v.3, n.1, p. 67, mar. 1998.

²⁰ Consta que o Arquivo Histórico de Canoas entrou em pleno funcionamento somente ao longo da década de 1990, tendo a sua inauguração ocorrido em 1989.

²¹ Refere-se aqui, ao acervo oral do *Projeto Canoas: para lembrar quem somos*, disponibilizado no MAHLS. O acervo está classificado de acordo com cada Bairro que compõe a cidade de Canoas.

²² SILVA, João Palma da. *Pequena História de Canoas - cronologia*. Canoas: La Salle, 1978. p. 57.

²³ RAMINELLI, Ronaldo. História Urbana. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 189.

²⁴ SILVA, Luís Octávio da. História urbana: uma revisão da literatura epistemológica em inglês. *EURE (Santiago)*, v. 28, n. 83, p. 32.

²⁵ Ver BRESCIANI, Maria Stella. (org.). *Imagens da cidade*. São Paulo: Marco Zero/ANPUH-SP; FAPESP, 1993; Id. (org.). *Palavras da cidade*. Porto Alegre: UFRGS, 2001; PESAVENTO, Sandra; SOUZA, Célia Ferraz de (orgs.). *Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2008; SCHIAVO, Cléia; ZETTEL, Jayme (orgs.). *Memória, cidade e cultura*. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 1997.

²⁶ Consultar, nesse sentido: FERNANDES, Ana; GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras. História da cidade e do Urbanismo no Brasil: reflexões sobre a produção recente. *Cienc. Cult.*, São Paulo, v. 56, n. 2, abr. 2004; BRESCIANI, S. História e Historiografia das cidades, um percurso. In: FREITAS, Marcos César de (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998; BRESCIANI, Maria Stella. A cidade: objeto de estudo e experiência vivenciada. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, Salvador, v. 6, n. 2, p. 9-26, 2004; TEIXEIRA, Manuel C. A História Urbana em Portugal: desenvolvimentos recentes. *Análise Social*, v. XXVIII, n. 121, p. 371-390, 1993; ANGOTTI-

SALGUEIRO, H.. A cidade, artefato cultural do tempo e do espaço. In: CARLOS, Anna F. Alessandri; LEMOS, Amália I. Geraiges. (orgs.). *Dilemas urbanos*. São Paulo: Editora Contexto, 2003. p. 105-109.

²⁷ FOURCAUT, Annie; VADELORGE, Lóic. Introduction. *Histoire Urbaine*, n. 17, p. 5-6, 2006/3.

²⁸ VADELORGE, Lóic. Des villes sans Histoire. *Ethnologie Française*, t. XXXVII, p. 21-30, 2003/2; FOURCAUT, 2003/2, op. cit., p. 171-185.

²⁹ *Des villes sans Histoire* (Tradução livre de Gustavo de Azambuja Feix).

³⁰ “Le hiatus renvoie à la fois à des problèmes classiques de l’histoire contemporaine – difficultés d’aborder les époques les plus récentes –, mais aussi à des problèmes spécifiques aux villes nouvelles”. (Tradução livre de Gustavo de Azambuja Feix). Ver: VADELORGE, 2003/2, op. cit., p. 21.

³¹ Usualmente a criação de Arquivos e outros centros de memória e história esteve vinculado aos próprios projetos de modernização das cidades capitais. No caso de Porto Alegre, destaca-se a criação do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, em 1906, à época do domínio positivista na cidade.

³² “(...) historiens, véritables abonnés absents de l’histoire contemporaine de l’urbain”. (Tradução livre de Gustavo de Azambuja Feix). Ver: *Ibid.*, p. 23.

³³ FOURCAUT, 2003/2, op. cit.

³⁴ “Elles seront comblées par une ouverture plus grande aux historiographies étrangères, par l’établissement de programmes de travail raisonnés avec les autres sciences humaines, enfin par un recours plus inventif aux archives du xxe siècle, ce continent inexploré”. (Tradução livre de Gustavo de Azambuja Feix). Ver: *Ibid.*, p. 185.

³⁵ “La domination de Paris se reflète dans l’état de la bibliographie, même si autour de dynamiques pôles provinciaux ont été produits des travaux, où le xxe siècle reste encore peu abordé” (Tradução livre de Gustavo de Azambuja Feix). *Ibid.*, p. 175.

³⁶ Vale lembrar que essa época foi marcada por um grande *boom* sociológico acerca das regiões metropolitanas do País, recém-formadas — desta forma, expostas a especulações e a pesquisas diversas.

³⁷ Neste sentido, ver: CARRION, Otilia K. Mercado imobiliário e padrão periférico de moradia: Porto Alegre e sua Região Metropolitana. *Ensaio FEE*, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 225-250, 1989; TATSCH, Ana Lúcia. Impactos da crise do início dos anos 80 sobre o mercado de trabalho: um

Descobrimos o(s) passado(s) da cidade: itinerário de uma pesquisa histórica sobre a urbanização de Canoas, RS (1929-1959)

Danielle Heberle Viegas

estudo da Região Metropolitana de Porto Alegre. *Indicadores Econômicos FEE: análise conjuntural*, Porto Alegre, p. 194-210, nov. 1990.

³⁸ WEBER, Regina. *Os rapazes da RS-030: jovens metropolitanos nos anos 80*. Porto Alegre: UFRGS, 2004; WEBER, Regina. A região metropolitana e as cidades-operárias. In: GRIJÓ, Luís Alberto; GUAZZELLI, César; NEUMANN, Eduardo; KÜHN, Fábio. (org.). *Capítulos de História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 369-393.

³⁹ SILVA, Luís Octávio da. História urbana: uma revisão da Literatura epistemológica em inglês. *EURE (Santiago)*, v. 28, n. 83, p. 32.

⁴⁰ SILVA, João Palma da. *Pequena História de Canoas - cronologia*. Canoas: La Salle, 1978.

⁴¹ PFEIL, Antonio Jesus. *Canoas: anatomia de uma cidade I*. Canoas: Ponto & Vírgula, 1992. Id., *Canoas: anatomia de uma cidade II*. Canoas: Ponto & Vírgula, 1995.

⁴² “De nombreux historiens locaux des villes nouvelles se veulent aussi chroniqueurs du temps présent. Sans méthode précise, ils réunissent des papiers (tracts, délibérations, procès-verbaux d’associations) ou des images (photographies, films, affiches), qui constituent les premières archives des villes nouvelles”. (Tradução livre de Gustavo de Azambuja Feix). Ver: VADELORGE, 2003/2, op. cit., p. 25.

⁴³ Até o momento, foram publicados onze trabalhos, referentes aos seguintes Bairros: Rio Branco, Niterói, Centro, Estância Velha, Mathias Velho, Guajuviras, Mato Grande, São Luiz e São José, Igara, Nossa Senhora das Graças e Fátima.

⁴⁴ A respeito disso, consultar: NEVES, Lúcia M. Bastos P.; MOREL, Marco; FERREIRA, Tania M. Bessone da C. (orgs.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2006.

⁴⁵ MARTINS, José de Souza. *Subúrbio*. São Caetano do Sul: Editora Hucitec, 1992. p. 12.